

Três diretores da gestão de 1975 lembram como era a atuação sindical na época

“Braços cruzados, máquinas paradas”

É uma justa homenagem ao Lula, pelo seu valor e sua liderança, e a todos os diretores que tomaram posse com ele em 19 de abril de 1975.

Eu trabalhava na Mercedes, onde era cipeiro, e me sindicalizei em 1974 para frequentar o curso de madureza.

Conheci o Lula, que era o responsável pela escola do Sindicato, e ele me convidou para ser diretor na hora de formar a chapa.

Na fábrica, o ambiente era de repressão total. O diretor da Mercedes responsável pela relação com os trabalhadores era um general, o chefe de segurança era um major, e o pessoal da segurança patrimonial ficava vigiando os ativistas e os trabalhadores com posições políticas.

Mesmo assim, os dirigentes não se acovardavam e encontravam mecanismos para a atividade sindical.

Trabalhava no controle de qualidade e logo que foi eleito diretor passei a trabalhar somente na organização dos companheiros. Meu chefe, avisado, concordou.

Acredito que fui um dos primeiros a conquistar liberdade de locomoção.

Com isso, transformei a entrada do restaurante da Mercedes numa espécie de subsede do Sindicato, onde fazia reuniões e assembléias e também filiava bastante.

Na primeira vez que conversei com Lula ele me disse que o Sindicato que ele queria era de contestação ao sistema político e ao capital.

Ele não queria que a gente ficasse no Sindicato esperando o trabalhador. Então, a gente passou a ir diariamente para a porta de fábrica. Era um trabalho difícil, de perseverança.

Lembro que na posse de 1978, Lula fez um discurso que para mim foi um divisor de águas. Ele disse que a única forma dos trabalhadores conseguirem condições salariais e de trabalho era cruzando os braços, com as máquinas paradas. O discurso foi resultado de três anos de ida às fábricas.

Djalma Bom, 66 anos

“Lula privilegiou a porta de fábrica”



A diretoria de 1975 teve sua importância e mostra que o Lula não dirigiu sozinho o Sindicato.

Eu me sindicalizei em 67 e durante doze anos fui diretor. Nos dois mandatos de Lula fui vice-presidente.

Acho a homenagem muito boa para que as pessoas não esqueçam essa parte da história. Fomos presos e muitos sindicalistas chegaram a sumir do País.

É bom reunir essa diretoria para mostrar que o pessoal está vivo e que a coisa não acabou.

Lula colocou um administrador para tocar o Sindicato e privilegiou o trabalho na porta da fábrica. Ele nem gostava de ficar segurando papéis. Ficava batendo o papel na mesa, impaciente.

“Uma homenagem a anos de luta”

Eu trabalhava na Ford e fiquei sócio do Sindicato em 1964. No primeiro mandato do Lula eu ocupava o Conselho Fiscal.

Naquela época, independentemente do cargo na diretoria, todos arregaçavam as mangas e trabalhavam na organização dos trabalhadores.

Com Lula presidente, o Sindicato aumentou o trabalho nas fábricas e a situação começou a melhorar, com maior conscientização dos trabalhadores.

Mesmo com toda a repressão da ditadura, os metalúrgicos iniciaram as greves por salários e denunciaram a falta de liberdade sindical.

Como o Lula não sabia dirigir, eu o levava nas portas de fábrica.

Os companheiros nas montadoras eram mais conscientes, talvez pela dificuldade da repressão em controlar um grande número de trabalhadores.

Mesmo assim, em várias oportunidades a

Lula era uma pessoa inteligente, simpática e com pouco tempo de conversa ele convencia os trabalhadores.

É difícil explicar esse carisma. Era um dos poucos que fazia as pessoas ficarem em silêncio quando falava.

Trabalhei como retificador na Mercedes e a repressão era total. Se a gente conversava com um companheiro, o chefe reclamava que não havia produção, e se a gente fosse para outra seção, o chefe de lá dizia que a gente atrapalhava.

Nessa época a gente já contava com carros com auto-falante para o trabalho na porta de fábrica.

Éramos poucos para esse trabalho, apenas 24 diretores, mas mesmo assim o trabalho de conscientização evoluiu e, em 1978, a partir da greve na Scania, o estouro da boiada aconteceu.

Rubens Teodoro de Arruda, Rubão, 66 anos

gente entregava a Tribuna e recebia o jornal de volta na cara.

Lula era inteligente, tinha idéias boas e raciocinava bastante rápido. Ele, sozinho, conseguia mobilizar centenas de trabalhadores. E aí começamos nossas greves que duravam 30, 40 dias.

Tenho muita saudade daquele tempo e acho que a homenagem é justa, uma lembrança de muitos anos de luta.

Hoje é tudo diferente. As fábricas reduziram bastante o quadro de funcionários e, ao mesmo tempo, os trabalhadores estão mais conscientes.

João Justino de Oliveira, Janjão, 73 anos



Tribuna Metalúrgica



Nº 1985 - Quarta-feira, 20 de abril de 2005

Parabéns, Lula!

Um auditório abarrotado acompanhou a homenagem a Lula e a sua diretoria em 1975. A segurança presidencial permitiu apenas 750 cadeiras, mas tinha muito mais gente. Na foto menor, Feijóo recebe abraço emocionado do presidente pelo evento



“Lula: o Sindicato que você mandou para as portas das fábricas e que depois entrou dentro delas, hoje é uma realidade organizada no interior das empresas. Com a reforma sindical vamos construir em todo o País entidades que vão referendar este modelo.

Sindicatos organizados, que negociam e vão à luta, deixando de ser massa de manobra da História para fazer História. Como você

imaginou, porque você mora no coração da categoria”, afirmou José Lopez Feijóo, presidente do Sindicato, ao entregar a Lula placa pelos 30 anos de sua primeira posse na presidência do Sindicato.

Veja nas páginas centrais a cobertura da homenagem ao presidente na noite de segunda-feira. Na página 4, três diretores da gestão de 1975 falam da ação sindical e de Lula.

“Por esta noite, valeu a pena aceitar ser presidente do Sindicato”.

“Minha mãe deixou uma herança. Nunca deixe de olhar outra pessoa nos olhos, nunca abaixe a cabeça, porque o dia em que você abaixar a cabeça nunca mais consegue levantar. É este legado que norteia minha vida. Não deixem de acreditar em vocês mesmos. Se o descrédito acontecer, aí você será um fracassado. E nós não nascemos para fracassar”.

Com essa mensagem de esperança, otimismo e confiança nos companheiros, Lula encerrou o ato realizado segunda-feira, na Sede, em homenagem a ele e aos diretores que há 30 anos tomaram posse no Sindicato. Seu agradecimento pela homenagem durou 45 minutos.

Sindicato me deu tudo

Ele comparou os dois anos que ocupa a Presidência da República com seus dois primeiros anos no comando da entidade.

“Este Sindicato me deu tudo que eu precisava para ser presidente do povo brasileiro, mas devo confessar que em Brasília é mais complicado. Aqui eu falava para uma categoria, lá eu falo para um milhão de categorias com interesses diferentes. Se não tiver jogo de cintura e paciência, não governo. Basta ver quantos presidentes brasileiros não terminaram o mandato”, afirmou Lula.

“Tenho clareza do que devo fazer pelo Brasil. Tanto que, quando terminar o mandato, volto para minha casa, que fica a 600 metros daqui, e de vez em quando venho ao Bar da Tia para comparar com os companheiros minhas realizações com o que os demais presidentes brasileiros fizeram. Tenho certeza que me sairei melhor que eles”, prosseguiu.

Novas gerações

Lula lembrou aos jovens para não perderem de vista que devem continuar e aprofundar o legado que receberam.

“Os dirigentes daqui estão preparados para discutir reestruturação produtiva melhor que muito professor universitário. Esta tradição vocês precisam continuar”, disse.

“É uma tradição de democracia operária que muita gente fala, mas nem sabe o que é. Tanto que a oposição nunca venceu aqui apesar de não haver um processo eleitoral tão democrático”, acentuou.

Hoje eu estou bom

E confessou: “Vim preparado para chorar, mas não achei justo chorar pelo que falei sobre meu passado, pois nele estão também muitos outros dirigentes, militantes e todos os companheiros anônimos sem os quais não teríamos construído este Sindicato. Por isto estou feliz, sem lágrimas, porque não precisamos mais de bonequinhos carrancudos dizendo *hoje eu não estou bom*. Ao contrário, agora fazemos tudo na boa, na base do *hoje eu estou bom*. Esta categoria tem bala na agulha”.



O presidente entregou placas homenageando seus companheiros. Esta foi a Luciano Galache



Fotos: Roberto Parizotti e Raquel Camargo



Como já se esperava, a entrega da ficha de sindicalização de Lula no Sindicato pela Tia do Bar, Dra. Nêbia e Zelinha (dentista e funcionária do Sindicato) foi confusa e muito engraçada. Tudo acontecia sob um imenso buquê de rosas vermelhas que escondia todos, inclusive o homenageado. No final deu tudo certo, sob muitas risadas.



Muita emoção marcou o ato quando Djalma Bom surgiu de surpresa, do fundo do salão, cantando Solidão de amigos, de Jessé.

Lula veio acompanhado da esposa, Marisa, e dos presidentes do Sindicato, José Lopez Feijão, e da CUT, Luiz Marinho. Os quatro formaram a mesa. Ao fundo, diretores homenageados com suas esposas



Convidados ilustres formaram a primeira fila da platéia que acompanhou as homenagens

Lula chegou à Sede do Sindicato por volta das 18h e foi recebido na rua por dezenas de pessoas que não conseguiram lugar no salão. O presidente fez questão de cumprimentar várias delas



“Com Lula presidente podemos continuar a sonhar com uma sociedade justa, igualitária, que acabe com a fome e com a injustiça social. Seus 30 anos na presidência do Sindicato e agora na Presidência da República nos dão a certeza dessa possibilidade. Parabéns, companheiro”. Luiz Marinho, presidente nacional da CUT, ao homenagear Lula.



Para surpresa geral, o Hino Nacional foi executado em ritmo de choro pelo Grupo Sarau. A platéia adorou e cantou junto.



Os atores Leticia Sabatela e Celso Frateschi lembraram a vida do homenageado acompanhando imagens em telões no alto do palco (detalhe).